

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE: TECENDO CAMINHOS DE LIBERDADE

MERCEDES DE BUDALLÉS DíEZ

Goiânia, GO, Brasil

Anos atrás, na reunião de assessores das Comunidades Eclesiais de Base, CEBs, refletimos sobre as contribuições dos escritos da Teologia da Libertação. Questionamos se nossa elaboração teológica ponderava a teologia do próprio povo, na sua fé e religiosidade, e não só sua vida. Desde então, recolho por escrito as questões que o pessoal das CEBs levanta, e trago uma das nossas reflexões.

O senhor Manuel pediu a palavra depois que invocaram ao Espírito Santo na reunião semanal da nossa comunidade. Ele disse: “Eu sei que hoje o assunto principal desta reunião é preparar a visita do bispo à nossa paróquia, mas eu tenho uma pergunta urgente. Dão licença?”. Com surpresa, a dirigente Dona Luzia olhou às pessoas e acolhen- do nossa aprovação disse: “Lógico, compadre, pode falar”.

O senhor Manuel perguntou: “A minha questão é: Se a nossa comunidade muda de bispo, ou de padre, ou de pastor, nós temos que mudar de Deus?” O pessoal respondeu: “O que você quer dizer?”

O Manuel retrucou: “Explico. O bispo anterior falava que Deus é amor, que Ele é graça, que é gratuito, misericordioso, que perdoa sempre. E nós, na comunidade vivemos esse Deus. Mas o novo bispo repete quando vem visitar a paróquia ou ao falar no rádio, que Deus nos ama, sim, mas que o importante é cumprir suas leis e essas tais de indulgências para Ele nos perdoar. Fui perguntar ao padre o que era indulgência, ele procurou num livro e disse que a indulgência perdoa a culpa do pecado perdoado. E acrescentou que o novo bispo é nosso pastor, aquele que agora precisamos e que devemos obedecer a seus desejos e leis. Meu filho comentou depois, ‘eu prefiro aquele Deus amor, já que o Deus do novo bispo, só manda, não é gratuito, e Ele perdoa se pagamos juros e correção monetária. Não é o Deus de Jesus’. Ainda perguntou que Deus nós vamos seguir agora e onde fica nossa liberdade... Tudo isso me deixa preocupado. Qual é a orientação certa?”

Dona Antônio começou cantar: “A verdade vos libertará, libertará. Não temais os poderes que passam... Não temais os que ditam as regras... Não temais o papel de profeta que o papel do profeta é falar...” E logo, logo o Luiz e a Ângela cantaram o samba: “Liberdade, liberdade! Abra as asas sobre nós. E que a voz da igualdade, seja sempre a nossa voz”.

Como acontece na mágica, o ambiente mudou e, esquecendo o planejamento da visita do bispo, a conversa foi sobre a liberdade. A afirmação repetida era que o importante é a vida, não a lei, já que “acreditamos que Deus quer a vida para todos e isso nos dá a liberdade de escolher e agir”.

Durante vários meses, refletimos o que a comunidade tinha falado, e fomos perguntando a outros grupos e pessoas do povo o que significava para eles ser livre ou viver em liberdade. Nossa preocupação era o pessoal pobre das CEBs que acredita num Deus misericordioso e que outro mundo é possível, melhor para seus filhos.

Nossa reflexão atual é:

No cotidiano dos participantes das Comunidades Eclesiais de Base a vida está fundamentada no amor, na solidariedade, na prática da justiça, no pensar coletivo, no construir redes na defesa da vida, ou seja, no seguimento a Jesus de Nazaré que concretizou o projeto de Deus. Num primeiro momento de caminhada, o povo descobre que não precisa das tradições que parecem dar segurança, como normas e leis estabelecidas. Ao mesmo tempo respeitam e querem manter certos costumes próprios da sua cultura, principalmente referente às festas, às rezas, às práticas religiosas que é uma riqueza na vida do nosso povo. Porém, as pessoas conscientemente, não desejam fazer o que sempre se fez, só porque se fez, e não querem repetir nem ser mandadas ou manipuladas.

Assim sendo, nas famílias ensaiamos e educamos os filhos para escolher o que é bom para eles, mas, procurando o caminho que constrói a sociedade no bem viver e no bem conviver. Em lugar de recebermos um sistema pré-fabricado de preceitos obrigatórios, as pessoas formadas nas CEBs enfrentamos o desafio de discernir e decidir em todo momento da nossa realidade pessoal e social. Principalmente em relação à política e à religião. Procuramos as possibilidades mais acertadas, mais éticas, que estão mais de acordo com o novo jeito de sociedade que queremos e assim adquirimos a liberdade de atuar. O preço da liberdade é a obrigação de escolher e por isso temos que assumir responsabilidades. Apostamos no diálogo, escutamos

muito, discutimos mais e estamos sempre na constante procura de um mundo novo.

Nas CEBs, acreditamos que o Espírito abre nossos olhos para discernir. Em lugar de impor normas, o Espírito ilumina as mentes de tal modo que elas possam ver a realidade da situação. A pessoa percebe o que Deus quer em cada situação determinada. Para os participantes das CEBs é importante compreendermos e assumirmos a liberdade como consequência do pensar, do rezar, do organizar-se e do agir, sempre na dimensão da justiça e da profecia na defesa da vida. Um agir que quer ser uma ação nova, criativa, sempre em mutirão, com a bíblia na mão e os pés fincados na história e na realidade do povo. Por isso, se necessário, enfrentamos o patrão, o prefeito, articulando-nos com os diversos movimentos sociais na luta pela reforma agrária, pela homologação da terra dos povos indígenas e quilombolas, na educação com qualidade para todos, no direito ao trabalho e à moradia sempre com um olhar ecológico e comprometido com as causas maiores - o desejo do Deus da vida. Fazemos isso juntos, mulheres e homens, jovens e crianças. Contribuímos assim para que, a partir da dinâmica do nosso dia a dia, possamos ser pessoas novas, livres, capazes de superar o individualismo, sermos críticas, autônomas, com coragem de sonharmos com um novo amanhecer.

Como comunidades, unidas, com o tradicional grito na ponta da língua ‘povo unido não será vencido’, somos capazes de lutar pelos nossos direitos, de denunciar a corrupção, de organizar novas formas de resistência... Entendemos e respeitamos que a liberdade consiste num novo modo de relacionar-se consigo mesmo, com outro, com a criação e com Deus. Por isso requer uma alteração profunda no relacionamento entre todos os membros da família, da comunidade, do sindicato, da associação e até do partido político. Não queremos líderes que viram ídolos, mas pessoas conscientes que optamos livremente pelo que fazemos. A liberdade das pessoas na procura de um povo livre é justamente o que nos une. Ser livre é participar da vida e lutar pela vida, fundamentados sempre na solidariedade e na ética nunca numa lei que é fruto de um sistema dominador. A capacidade de construir o pensar coletivo e a maturidade do diálogo são riquezas enormes na vida das nossas comunidades. Esta capacidade nos faz livres para não concordar e aceitar as leis impostas para o proveito de poucos.

Evidentemente a liberdade da comunidade se fundamenta na liberdade pessoal. A mentira ou traição do companheiro ou companheira é o pior mal que acontece numa comunidade. A verdade liberta e, como fruto de uma experiência comunitária, cria nas pessoas e exige delas a responsabilidade social do grupo todo.

Na comunidade, afirmava Leonardo Boff “a religião passa a ser um fator de mobilização e não do freio”, mobilização adquirida a partir da mística, da palavra de Deus, na partilha, no processo constante de formação, nas lutas ecumênicas e no compromisso com as grandes Causas da humanidade.

Nas comunidades sabemos que a liberdade verdadeira é o contrário do individualismo. Esse individualismo reinante, fruto do desejo de ser e crescer para si próprio, do desejo de ter mais, de aparecer mais... Sabemos que a atitude de Jesus, sempre no serviço, liberta e dignifica. Assim sendo, nas CEBs experimentamos esse caminho. E o caminho de Jesus sempre foi voltar para a Galileia. Lá, no encontro com o povo, os ensinamentos em parábolas e ações, a esperança e a certeza de tempos novos, Jesus se fortalecia. Por isso, as CEBs somos missionárias nos lugares mais afastados e sofridos, onde existe procura de mudança. E preocupadas com a formação permanente dos pobres, procuramos que as pessoas se sintam protagonistas das suas vidas, como sujeitos coletivos, tecendo vida nova, por meio do exercício da liberdade.

O Pastor João - que participa sempre na comunidade do seu Manuel de forma ativa e responsável, e no dia da conversa sobre a liberdade - sintetizou sabiamente com palavras semelhantes a estas: “ ‘Tudo é permitido. Mas nem tudo convém. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica’ (1Cor 10,23). Cantamos ‘não temais’. Na união da comunidade está nossa força, por isso não temos medo. Este é o rumo certo. Sem esquecer que o importante é o diálogo, escutar e falar com igualdade e responsabilidade. As leis, normalmente pensadas e redigidas pelos grandes são para eles. Essas leis não edificam e não convêm porque não constroem por si mesmas. O diálogo, a voz da igualdade, como canta esse samba, acontece entre nós, nos faz livres! Devemos ser profetas, sim, e como eles anunciar e denunciar. Toquemos em frente, a verdade nos libertará!’”

Uma companheira acrescentou: “Jesus disse, se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade os libertará (Jo 8,32). Continuemos procurando o rumo certo na Palavra de Deus!”